

AATEMPORALIDADE DA TEORIA SOCIAL E POLÍTICA DE FRIEDRICH ENGELS
THE TIMELESSNESS OF FRIEDRICH ENGELS' SOCIAL AND POLITICAL THEORY

Felipe Cotrim¹

BLACKLEDGE, Paul. *Friedrich Engels and Modern Social and Political Theory*. Albany: State University of New York Press, 2019. 278 p.

Professor da Universidade de Shanxi (China) e autor dos livros *Perry Anderson, Marxism and the New Left* (2004), *Reflections on the Marxist Theory of History* (2006) e *Marxism and Ethics* (2012), Paul Blackledge é um dos mais interessantes e versáteis marxólogos e estudiosos do marxismo contemporâneo, merecendo mais atenção dos pesquisadores e militantes políticos brasileiros.

Em *Friedrich Engels and Modern Social and Political Theory*, Blackledge conduz o leitor por uma introdução abrangente, crítica e contemporânea à obra de Friedrich Engels, sem deixar de confrontar os pontos mais polêmicos dela² e de acertar as contas com os seus mais destacados intérpretes e algozes.³ Nesse percurso, ele sustentou que o pensamento de Engels, apesar de seus equívocos e insuficiências, tem muito a contribuir com as pesquisas e debates contemporâneos sobre a democracia, as crises econômicas, a igualdade de gênero e a ecologia.

¹ Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: f.cotrim.89@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1271163470800280>.

² Como sua interpretação da teoria marxiana do valor, a dialética da natureza, a teoria do Estado proletário e da revolução socialista e a emancipação econômica e política das mulheres.

³ Blackledge (p. 1-20) lista uma série de autores que responsabilizam Engels pelas distorções ou falsificações do pensamento de Marx, como stalinismo (Norman Levine, Terrell Carver, Gregory Claeys e Gareth Stedman Jones), positivismo (George Lichtheim), determinismo (Alasdair MacIntyre), sistematizador do marxismo (Hal Draper), materialismo mecânico (Paul Holloway), entre muitos outros.

Publicado às vésperas do bicentenário do nascimento de Engels (1820), o livro não tem por função celebrar seu objeto de exame. Em companhia de outras publicações recentes de (re)avaliação do legado intelectual e político de Engels, ele pode ser um marco para os futuros estudos de uma das mentes mais encyclopédicas e espirituosas do século XIX, oferecendo aos jovens pesquisadores e militantes uma visão panorâmica da obra engelsiana e dos debates que ela mobilizou no século XX entre marxistas e não marxistas, os permitindo iniciar seus estudos e atividades políticas plenamente atualizados no atual estado da arte. Os mais veteranos, por sua vez, terão a oportunidade de rever e reavaliar algumas teses caducas de meados do século XX sobre a obra e o legado de Engels que persistem em circular entre nós.

O livro pode ser classificado com uma biografia intelectual de Engels, pois, além de seguir uma linha cronológica, Blackledge abdicou de se intrometer na vida privada dele, dedicando-se integralmente às suas reflexões teóricas e políticas. Assim, seu livro pode ser visto como um contraponto ao *The Frock-Coated Communist* ou *Marx's General*, respectivamente, edição britânica e estadunidense da biografia de Engels de Tristram Hunt (2009, 2010), que tem por foco a vida privada de Engels, pecando no exame de sua obra científica e política.

Dividido em quatorze capítulos mais a introdução, o livro tem por fontes os textos engelsianos presentes na *Marx & Engels Collected Works* (MECW), que o autor demonstrou ter pleno domínio e familiaridade, circulando por seus cinquenta volumes e dezenas de milhares de páginas com habilidade e precisão. A pesquisa é complementada com uma vasta bibliografia de referência integralmente em inglês.

A introdução consiste em uma revisão da bibliografia “anti-Engels” ou “engelsfóbica” do mundo anglófono, dando o tom do livro: uma defesa da obra e do legado de Engels perante os seus detratores e aqueles que o diminuem. Nela, Blackledge combateu a ideia de Engels como o nadir do

marxismo e vulgarizador da obra de Marx, reproduzida frequentemente pelos marxistas do século XX em sua busca por renová-lo e afastá-lo de toda sorte de estigmas: stalinismo, positivismo, determinismo e mecanicismo. Blackledge, por sua vez, comprehende a obra de Engels do pós-1870 como uma defesa científica e política da obra de Marx, resguardando a *praxis* revolucionária e a herança hegeliana das tendências reformistas e positivistas do socialismo europeu do último terço do século XIX, seja por meio do *Anti-Dühring* ou da edição dos Livros 2 e 3 de *O capital*. Isso não significa que Blackledge tenha concordado com a tese do marxismo soviético do *perfect agreement* entre Marx e Engels, bem como não aceitou a tese da divergência, característica do marxismo ocidental.

Os capítulos 1 e 2 são dedicados aos anos de juventude de Engels até 1845, destacando alguns de seus ensaios que muitos pesquisadores ignoram ou atravessam com excessiva celeridade. Interessante no exame dos escritos de juventude de Engels foi a quantidade de teses inovadoras que ele desenvolveu, por exemplo, as classes trabalhadoras como agentes de sua emancipação política e econômica; o exame da política sob a óptica das lutas de classes; a crítica radical à propriedade privada; e o desenvolvimento de um novo método de exame das sociedades a partir da crítica à economia política combinada à dialética (neo)hegeliana de viés materialista.

O capítulo 3 é certamente a *cornerstone* do livro, sendo nele que Blackledge fundamentou sua principal tese: foi na *Ideologia alemã* que Marx e Engels estabeleceram os pressupostos filosóficos, científicos e políticos que orientariam toda sua obra subsequente.

A *ideologia alemã* é um manuscrito de difícil leitura, não somente por ser uma obra incompleta e inconclusa, mas por ser o registro de um debate particular entre intelectuais alemães de meados dos anos 1840, que, para a maioria dos leitores contemporâneos não especializados, pode ser quase enigmático. Entretanto, nesse capítulo, Blackledge, de forma solícita,

emprestou ao leitor uma lanterna como auxílio para a leitura e estudo dele. Nesse manuscrito, Marx e Engels produziram três importantes contribuições filosóficas: a nova concepção da *praxis*, do *trabalho* e da *história*, revolucionando o entendimento sobre o passado e o presente da humanidade, bem como oferecendo um sentido para a construção do futuro.

Entre as consequências dessa nova concepção de mundo desenvolvidas por Marx e Engels entre 1845 e 1846, estão: (1) a compreensão do capitalismo como um modo de produção histórico, com atributos tanto progressistas quanto conservadores; (2) o capitalismo como um sistema que se revoluciona por meio de contradições endógenas; (3) o socialismo deixou de ser uma ideia moral e utópica, passando a ser visto como a superação histórica das contradições da sociedade capitalista e um caminho para a emancipação universal da humanidade.

Essas teses tiveram implicações políticas imediatas dentro das organizações socialistas e comunistas alemãs. Entre algumas delas, Blackledge destacou o antiestatismo dos jovens Marx e Engels, que, diferentemente das demais correntes do movimento operário e comunista europeu, afirmavam que o Estado consistia em um instrumento alienado de dominação e administração social. Para ambos, interpretou Blackledge, “porque o Estado moderno está enraizado no modo capitalista de produção, em que a produção social é mediada por relações de mercado que atuam como um poder estranho [alien] sobre nós, a realização da liberdade só pode vir por meio do comunismo, ou ‘da abolição da propriedade privada’, o que é idêntico à supressão [suppression] desse poder estranho [alien]”. E, mais adiante, arrematou: “Mais importante, o processo de revolução é concebido tanto como um choque [clash] com o Estado existente quanto como um movimento profundamente democrático, de baixo para cima [from below]” (p. 61-62), ou a autoemancipação das

classes trabalhadoras — tese que Marx e Engels sustentaram nas décadas seguintes.

Os capítulos de 4 a 8 conduzem o leitor pelas atividades jornalísticas e políticas de Engels, desde a preparação para as Revoluções de 1848-1849, até seu processo de luto depois da derrota, quando examinou criticamente aqueles meses revolucionários por meio da concepção materialista da história em *Revolução e contrarrevolução na Alemanha* (1850-1851). Durante esse período, Engels desenvolveu reflexões sobre questões que se mantiveram atuais durante o século XIX e XX, por exemplo, o nacionalismo versus o internacionalismo; o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo; a violência revolucionária versus a violência contrarrevolucionária; a unificação da Alemanha; a política de base versus a política parlamentar; a democratização da política e da imprensa; revolução versus reforma etc.

O capítulo 9 examina a vida e a obra de Engels entre a década de 1850 até meados da década de 1870. Foram anos de muito trabalho jornalístico e político, além de debates na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) contra Bakúnin, Proudhon, Blanqui e outros sobre liberdade e autonomia, economia política, as organizações políticas das classes trabalhadoras, o fim do Estado e a ditadura do proletariado.

O capítulo 10, dedicado aos trabalhos editoriais de Engels na publicação dos Livros 2 e 3 de *O capital* e seu legado no marxismo, será de grande interesse aos filólogos marxistas e aos pesquisadores da teoria marxiana do valor.

Blackledge reconheceu a relevância de Engels para o desenvolvimento da crítica marxista à economia política. Contudo, ele não se ausentou de reconhecer que a edição engelsiana de *O capital* produziu uma série de incorreções e imprecisões, pois, além de o apresentar como mais completo do que as pesquisas filológicas nos manuscritos originais futuramente demonstrariam, sua edição permite interpretar que as teses

marxianas sobre a teoria do valor poderiam ser aplicáveis para outros períodos históricos além do capitalismo inglês do século XIX. Entretanto, Blackledge considerou que Engels fez mais bem do que mal em seu trabalho editorial em *O capital* porque, apesar de tudo, a publicação dos volumes remanescentes foi importante para a manutenção do legado de Marx como a principal referência teórica e política entre os socialistas e os comunistas.

Apesar de todas as objeções e críticas justas e injustas que Engels sofreu — e ainda sofre — sobre seu trabalho editorial nos manuscritos dos Livros 2 e 3 de *O capital*, é importante ter em mente que ele, assim como nós hoje, estava trabalhando, pesquisando e tentando dar sentido à uma obra incompleta e inconclusa. O esforço dele em reunir, organizar, transcrever, editar e publicar em forma de livro os manuscritos marxianos de crítica à economia política talvez tenha sido um dos grandes empreendimentos editoriais do período. Por esse motivo, talvez o mais adequado não seja classificá-lo como o “primeiro marxista”, mas como o “primeiro marxólogo”, muito antes de Davíd Riazánov e os demais pesquisadores e arquivistas da Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA). Cabe a nós, portanto, além da boa crítica, ter também um pouco de empatia com o “Grand Lama” da Regent’s Park Road, 122.⁴

O capítulo 11 é dedicado ao livro *Anti-Dühring* (1877-1878), com algumas incursões pela *Dialética da natureza* (1870-1880). Assim como foi feito nos capítulos anteriores, Blackledge buscou contextualizar a produção dos textos examinados, estabelecer os vínculos deles com as demais obras de Engels e, por fim, subsidiar suas hipóteses e teses a partir dos comentaristas críticos mais importantes e influentes da obra de Engels.

Um dos principais pontos de discórdia no marxismo do século XX foi a imposição das leis da natureza nos estudos sobre as sociedades humanas, bem como a imposição da dialética filosófica hegeliana nos estudos das

⁴ HUNT, Tristram. *Marx's General: The Revolutionary Life of Friedrich Engels*. New York: Holt Paperbacks, 2010. cap. 8.

ciências naturais. Como demonstrou Foster (2020) em *The Return of Nature*, há uma longa tradição de debates sobre esses temas no universo anglófono. Por sua vez, para Blackledge,

seria errado assumir que Engels impôs categorias hegelianas à natureza. Como ele escreveu na *Dialética da natureza*, “para mim não poderia haver a questão de construir as leis da dialética na natureza, mas de as descobrir nela e as desenvolver a partir dela”.⁵ Assim, enquanto Engels recorreu a Hegel, sua compreensão da evolução natural envolveu uma ruptura explícita com o sistema de seu mentor. Especificamente, ele argumentou que, para escapar tanto das contradições do sistema de Hegel, quanto das limitações do materialismo de Feuerbach, ele e Marx [...] tinham, nos anos 1840, gravitado em direção a um novo método de análise materialista dialético.⁶ (p. 188)

Esse novo método de análise tinha por objeto o estudo ontológico das relações imanentes e dialéticas entre as sociedades humanas e a natureza na história, muito distante, argumentou Blackledge, de qualquer forma de determinismo, positivismo ou qualquer outro estigma depreciativo que foi imposto a Engels.

O capítulo 12, dedicado ao *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), oferece valiosas questões para o debate sobre um dos temas mais candentes à militância política de esquerda contemporânea: a igualdade de gênero, as políticas públicas feministas e o identitarismo.

Em *A origem*, Engels apresentou a história como um sistema duplo, relativamente autônomo: a exploração capitalista (classe) versus a exploração patriarcal (gênero), ou a contradição capital-trabalho versus a contradição patriarcalismo-mulheres. Segundo alguns intérpretes, essa dualidade teria dado margem para a hipótese de que o patriarcalismo

⁵ MECW. Marx & Engels Collected Works. London: Lawrence Wishart, 1975-2004. v. 25, p. 12-13.

⁶ MECW. Marx & Engels Collected Works. London: Lawrence Wishart, 1975-2004. v. 25, p. 27.

poderia sobreviver em sociedades pós-capitalistas, ou que o capitalismo poderia existir sem o patriarcalismo. Entretanto, Blackledge demonstra que esses dualismos são aparentes. Segundo ele, Engels argumentou que as mudanças na estrutura das famílias, bem como da propriedade privada, estavam vinculadas às transformações nas estruturas produtivas das sociedades, que, com a emergência das primeiras comunidades agrícolas, entraram em contradição com as estruturas familiares igualitárias existentes até aquele momento.

Apesar de muitos dos países pós-capitalistas (Albânia, China, Cuba e União Soviética, por exemplo) reivindicarem Engels e *A origem* entre seu panteão ideológico, a condição das mulheres como principais responsáveis pela reprodução da força de trabalho e pelo serviço doméstico não remunerado se manteve como nos países capitalistas. Blackledge argumentou que isso não se deveu ao abandono das políticas públicas voltadas às mulheres nos países do socialismo real, mas, justamente, pela manutenção de sua abordagem sistemática, porém, de viés reacionário ou contrarrevolucionário, citando como exemplo a União Soviética stalinista. A crítica de Blackledge ao socialismo real está sustentada na obra de Raya Dunayevskaya e Tony Cliff, que avaliaram as formações sociais capitalistas dos Estados burocráticos estabelecidas nos países do leste europeu (p. 219). Segundo esses autores, sintetizou Blackledge:

Ao conceber o stalinismo como uma variante do capitalismo, essa tradição do marxismo foi capaz de explicar a persistência da opressão feminina na Rússia stalinista como uma variante da opressão feminina sob o capitalismo. Esses escritores, consequentemente, abriram o caminho para o tipo de teoria unitária da opressão da mulher como uma forma capitalista originalmente prometida na *Origem*, de Engels. Sua afirmação de que a opressão da mulher está enraizada na família moderna, concebida como uma unidade para a reprodução privatizada da força de trabalho, supera as limitações do relato de Engels sobre a família da classe

trabalhadora moderna de uma forma que torna mais seguro seu argumento de que as lutas pela libertação da mulher e pelo socialismo são duas faces da mesma moeda: “A verdadeira igualdade entre homens e mulheres só pode, ou, assim, estou convencido, se realizar quando a exploração de ambos pelo capital for abolida e o trabalho privado no lar for transformado em uma indústria pública”.⁷ (p. 220)

Apesar de suas reconhecidas deficiências, Engels apresentou em *A origem* uma grande síntese teórica e hipóteses de investigação relevantes. Seu caráter pioneiro no estudo da origem da opressão e exploração do trabalho das mulheres ainda rende frutos, garantindo sua permanência nos estudos de gênero contemporâneos.

O capítulo 13 contextualiza e avalia o legado político do texto introdutório de Engels para o livro *As lutas de classes na França* (1895). Essa introdução está entre os textos mais polêmicos de Engels, rendendo muitos debates entre os marxistas no século XX. Segundo Blackledge, as teses apresentadas por Engels foram descontextualizadas e transformadas em seu “testamento político”, servindo de “certidão de nascimento” e legitimação do reformismo no Partido Social-democrata da Alemanha (SPD).

Muitos dos argumentos apresentados por Engels nessa introdução não eram novos e, em sua versão integral, não rejeitam a revolução socialista e proletária como meio para a superação do capital(ismo). Conforme Blackledge demonstrou, Engels não acreditava que a transição capitalismo-socialismo — ao menos na Alemanha — seria possível pacificamente. Pelo contrário, ele apostava que as classes dominantes reagiriam com uma contrarrevolução. Assim, Blackledge se junta às fileiras daqueles que não aceitam a imputação de Engels como o forerunner do revisionismo social-democrata.

Blackledge compartilha da tese de Rosa Luxemburg e Paul Kellogg sobre a já bem estabelecida tendência interna do SPD e do sindicalismo

⁷ MECW. Marx & Engels Collected Works. London: Lawrence Wishart, 1975-2004. v. 47, p. 312.

alemão ao reformismo e ao revisionismo. O texto de Engels, da forma como foi editado e publicado, serviu de documento de autoridade para essas tendências, mas não pode ser imposto o status de certidão de nascimento delas, como muito se afirmou. Blackledge também demonstrou que Engels sempre fez oposição e críticas públicas às alas reformistas (direita) ou sectárias (esquerda) do SPD e de outros partidos socialistas europeus, buscando sempre adequar as táticas políticas propostas à situação concreta, sem jamais se desviar da estratégia socialista estabelecida em parceria com Marx em meados dos anos 1840: a revolução social e proletária.

O capítulo 14 consiste na conclusão do livro, em que Blackledge valoriza a colaboração intelectual e política de Marx e Engels, os classificando como cientistas revolucionários, ou revolucionários cientistas, que formularam uma nova compreensão sobre a história, a política, a economia e a cultura a partir da crítica ao modo de produção capitalista, articulada pela primeira vez de forma mais ou menos sistemática em *A ideologia alemã*. Essa nova compreensão da história humana, contrário do que foi muitas vezes acusada, não é mecanicista, positivista, metafísica ou fatalista, muito menos um manual de etapas e esquemas a serem seguidos pelos partidos e demais organizações socialistas, mas está sustentada em uma inovadora concepção da *praxis*, ou da agência humana na história, e do progresso da relação necessidade-liberdade entre a natureza e as sociedades humanas.

Sobre as contribuições engelsianas para a formulação dessa nova concepção, ou “paradigma”, Blackledge destacou que Engels havia identificado antes de Marx a importância da crítica radical à economia política, a necessidade de revisar a história da formação e desenvolvimento do capitalismo industrial sob a perspectiva das classes trabalhadoras e a necessidade da revolução socialista como meio para a superação das contradições do capital(ismo). Ademais, Engels também teria tido papel

relevante e indispensável na salvaguarda do legado intelectual e político de Marx no movimento socialista europeu depois da morte dele em 1883, de tal forma que, se ainda há marxistas no mundo, muito se deve aos esforços de Engels entre os anos de 1883 até 1895.

Por fim, sei que não é correto exigir que um autor escrevesse sobre algo que ele não havia se proposto a escrever. Contudo, acredito que ficou faltando no livro de Blackledge um capítulo com considerações sobre a retórica, o bom humor e o senso de estilo literário apurado dos textos de Engels, caracterizados por críticas afiadas, cortantes e espirituosas contra seus adversários políticos ou teóricos — virtudes que fazem falta entre muitos dos autoproclamados marxistas brasileiros contemporâneos, que, aparentemente, desconhecem a primeira regra engelsiana para a luta teórica e retórica: “Nada mais divertido/ que zombar dos inimigos/ e ridicularizar com ironia cáustica/ os grandes imbecis”.⁸

Assim, encerro esta resenha indicando ao leitor a edição organizada e traduzida por José Paulo Netto e Miguel Yoshida com textos e cartas de Marx e Engels sobre cultura, arte, literatura e estética. Nela, o leitor interessado poderá encontrar seleções da “prosa atrevida e faiscante” de Engels e de sua necessidade de “dar à polêmica um caráter alegre”. Segundo ele, “uns poucos insultos, as chamadas invectivas, são dos mais expressivos recursos retóricos que todos os grandes oradores utilizaram quando julgaram necessário”, sendo “preciso escrever com desprezo e ironia sobre o inimigo [...] qualquer palavra engenhosa acerca desta escória tem valor”.⁹

Além dos estudos sobre a formação e desenvolvimento do capitalismo, as grandes cidades industriais inglesas, os textos de filosofia e ciências naturais, acredito que os conselhos de retórica e estilo de Engels

⁸ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Tradução José Paulo Netto; Miguel Yoshida. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 92, 314, nota 40.

⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Tradução José Paulo Netto; Miguel Yoshida. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 89-91.

apresentados acima estão entre um de seus mais valiosos legados e que devem ser recuperados no presente e resguardados para a posteridade, tendo a certeza de que “nossos inimigos jamais puderam [— e jamais conseguirão —] nos tirar o bom humor”.¹⁰

REFERÊNCIAS

FOSTER, John Bellamy. *The Return of Nature: Socialism and Ecology*. New York: Monthly Review Press, 2020.

HUNT, Tristram. *Marx's General: The Revolutionary Life of Friedrich Engels*. New York: Holt Paperbacks, 2010.

HUNT, Tristram. *The Frock-Coated Communist: The Revolutionary Life of Friedrich Engels*. London: Penguin, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Tradução José Paulo Netto; Miguel Yoshida. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. (Arte e Sociedade).

MECW. *Marx & Engels Collected Works*. London: Lawrence Wishart, 1975-2004. 50 v.

¹⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Tradução José Paulo Netto; Miguel Yoshida. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 88.